



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3553 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 02 - História da Educação

A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA PORTUGUESA: CARREGANDO ÁGUA NA PENEIRA

Jackeline Cristina Nogueira Guerrero - UFMS - PPGE CPAN - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

O Movimento da Escola Moderna Portuguesa- MEM é uma associação de profissionais de educação que se assume como movimento social de desenvolvimento humano e de mudança pedagógica. As práticas pedagógicas do MEM articulam-se a Teoria Histórico-Cultural, pois a criança é vista como sujeito no processo de desenvolvimento. De acordo com o Movimento, o professor é um organizador do espaço pedagógico, pois ele planeja, analisa e interfere democraticamente nas ações e distribuição das atividades em sala. O presente artigo se constitui em um relato de pesquisa de mestrado em andamento em uma escola municipal de Corumbá-MS que tem por objetivo verificar como a organização do espaço pedagógico da sala de 1º ano do ensino fundamental pode ser promotora de aprendizagem. Para tanto, vamos articular as vivências de uma sala do 1º ano de uma escola pública municipal com as vivências da organização do trabalho pedagógico do Movimento da Escola Moderna Portuguesa e propor, se possível mudança na organização do espaço pedagógico, na perspectiva do MEM a fim de possibilitar ao professor enxergar o ambiente físico de sua sala como um meio educativo que promova fonte de desenvolvimento.

Palavras-chave: Movimento da Escola Moderna Portuguesa. Espaço Pedagógico. Desenvolvimento e Aprendizagem.

Introdução

O presente artigo se constitui em um relato de pesquisa de mestrado em andamento em uma escola municipal de Corumbá-MS. A motivação para realizar esta pesquisa se deu através das vivências pelas quais passei na graduação em Geografia em 2011, especificamente, nos estágios de observação no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Corumbá.

A organização do espaço físico de uma sala do terceiro ano era feita de modo tradicional: as carteiras enfileiradas, nas paredes um alfabeto fixado com letras garrafais e, no entorno, somente produções da professora “carregados de eva”, colorido para demonstrar a sistematização dos conteúdos ministrados por ela.

A professora era transmissora de conhecimento e os alunos, meros receptores. Ela abordava a “lei do silêncio” em sala. As aulas eram mecânicas e os conteúdos fragmentados; as atividades valorizavam a memorização de textos do livro didático.

Diante dessas vivências, percebi que algo estava errado na organização pedagógica daquela sala, pois através do ensino tradicional, pautado na “lei do silêncio” e no “depósito de informações”, apontado por Freire (1996), baseado na memorização e na construção de letras e palavras fixadas nas paredes não promovia um aprendizado de qualidade para as crianças.

Portanto, essas inquietações me levaram a refletir sobre a importância da organização do espaço escolar na tentativa de compreender qual é a contribuição dele no processo de ensino e aprendizagem

das crianças do Ensino Fundamental dos anos iniciais, visto que, há uma mudança ou até mesmo um choque de realidade quando a criança sai da Educação Infantil e vai para o Ensino Fundamental. Ela, ao se deparar com o ensino, muitas vezes, mecânico, sem sentido e sem significado cria o desinteresse em frequentar a escola.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas do Movimento da Escola Moderna Portuguesa articulam-se à Teoria de que, na perspectiva Histórico-Cultural, a criança é vista como sujeito no processo de desenvolvimento. Ela possui caráter ativo e não passivo no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Vigotski (2003) a aprendizagem antecede ao desenvolvimento, portanto, “a criança aprende desde que nasce e porque aprende se desenvolve”. (Silva, 2017, p. 2017).

O MEM é uma associação de profissionais de educação que se assume como movimento social de desenvolvimento humano e de mudança pedagógica. Constituiu-se, em 1966, no Sindicato Nacional de Professores, em consequência dos cursos de aperfeiçoamento profissional aí organizados por Rui Grácio entre 1963 e 1966. (NIZA, 1998, p.01).

Na década de 60, o Movimento se iniciou com as técnicas de Freinet, no entanto, após duas décadas, em 1980, há uma nova configuração das concepções pedagógicas iniciais e, através de Sérgio Niza, fundador do Movimento da Escola Moderna em Portugal, com ajuda de colaboradores, estudaram novas formas de pensar a organização do Movimento, sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski. Portanto, esta é a base teórica do MEM.

A associação de professores promove o diálogo contínuo de toda comunidade escolar, estimulando a democracia e promovendo a participação social. Nesse sentido, o professor ou professora, quando planeja uma atividade e/ou organiza o espaço escolar, deve se perguntar: O que faço e para quê faço? Qual o sentido e significado tem uma certa atividade para o aluno?

Portanto, é necessário refletirmos sobre o espaço físico escolar e analisar de que maneira ele contribui para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Nesse sentido, o professor é considerado um organizador do espaço pedagógico, pois a sua responsabilidade é gerir o ambiente escolar, planejando atividades marcadas por princípios democráticos.

Os professores do MEM têm um papel activo. São agentes cívicos e morais num contexto de vida democrática. O papel do professor é promover uma organização participativa, a cooperação e a cidadania democrática, ouvindo e encorajando a liberdade de expressão, as atitudes críticas, a autonomia e a responsabilidade. (FOLQUE, 1999, p. 11)

O entendimento teórico se baseia nas aproximações do MEM com a abordagem Histórico-Cultural de Vigotski, pois as relações de mediações culturais são planejadas intencionalmente pelos professores na organização dos espaços, valorizando as experiências do cotidiano de cada criança no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Conforme Niza, 1998, os circuitos de comunicação é um dos mecanismos centrais do Movimento. Portanto, a organização do espaço físico pensado nas necessidades das crianças é importante para promover as interações culturais, pois o ambiente físico acolhedor e estimulante provoca autonomia, solidariedade, sentimento de pertencimento e favorece potencialidades do aprendizado científico, desenvolvendo as funções psicológicas superiores.

Portanto, nossa intenção será buscar informações sobre a organização do espaço pedagógico, no sentido de levantar os seguintes questionamentos: Qual é a contribuição do espaço físico no processo de aprendizagem da criança do 1º ano do EF? A geografia do espaço social da sala é construtora de conhecimento? Esse espaço promove democracia, cooperação e solidariedade através das interações culturais?

Para buscar respostas a essas perguntas, a presente pesquisa tem por objetivo geral: verificar como a organização do espaço pedagógico das salas de 1º ano do ciclo de alfabetização pode ser promotora de aprendizagem. Para tanto, vamos articular as vivências de uma sala do 1º ano do EF de uma escola pública municipal da cidade de Corumbá/MS com as vivências da organização do trabalho pedagógico do Movimento da Escola Moderna Portuguesa/MEM.

Para os objetivos específicos, destacamos: compreender de que forma a organização do espaço físico atual da sala contribui e se contribui, com o processo de aprendizagem das crianças do primeiro ano do EF e propor, se possível, mudança na organização dele, na perspectiva do MEM a fim de possibilitar ao

professor (a) enxergar o ambiente físico de sua sala como um espaço educativo que promova fonte de desenvolvimento.

O papel do professor no Movimento da Escola Moderna Portuguesa na concepção da Teoria Histórico-Cultural

O papel do professor, sujeito mais experiente no ato de ensinar, é importante para o desenvolvimento do indivíduo e a escola é essencial para a construção de novas aprendizagens.

Sabemos que os alunos detêm conhecimentos prévios que devem ser considerados pelo professor, pois a criança acumula experiências através das vivências em diversos espaços sociais, como no seio familiar, por exemplo e, ao se deparar com a realidade, ela não é uma *tabula rasa*, uma folha em branco.

As qualidades humanas não são inatas, ou seja, não são herdadas geneticamente, mas construídas, a partir do nascimento. Considerando Vigotski, 2003, é através dessa construção histórico e cultural que “se forma, no homem, sua inteligência, sua personalidade, em uma palavra, a consciência humana que faz de cada pessoa um ser único e irrepetível.” (VIGOTSKI, 2003, p.94).

Nesse sentido, a criança está em processo de humanização, pois no contato com a cultura acumulada historicamente ela se apropria e a transforma. É por meio da relação dos bebês e das crianças com os objetos e com as outras pessoas que os bebês e as crianças aprendem e se humanizam (MELLO, 1999).

Na escola, o papel do professor potencializa e intervêm no processo educativo. A aprendizagem escolar é significativa, pois “produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança?”. (VIGOTSKI, 1988, p. 95). Nesse sentido, Vigotski (1988) prioriza o papel do educador na contribuição do desenvolvimento humano.

O professor na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural é um organizador do espaço pedagógico e não um mediador ou facilitador de aprendizagem no processo de ensino. Este conceito de que o professor é um mediador foi amplamente divulgado na Teoria Histórico-Cultural por diversos estudiosos, no entanto, essa concepção está equivocada.

Considerando Prestes, 2012, algumas nomenclaturas das obras de Vigotski sofreram deturpações quando foram traduzidas do russo para o inglês. Segundo Teixeira e Barca, 2017, uma delas é o conceito de “aprendizagem” que, na Teoria Histórico-Cultural, denomina-se “teoria da aprendizagem”. Como, no Brasil, as primeiras obras de Vigotski foram traduzidas das edições americanas e não diretamente do russo, houve essa mudança de nomenclatura que provoca drasticamente alterações de entendimento conceitual de Vigotski e sua deformação dificulta a compreensão tanto do conceito de “processo educativo” quanto da concepção de professor como “organizador do meio social educativo”. (TEIXEIRA e BARCA, 2017, p, 36).

Desse modo, o educador jamais pode ser o mediador do processo de ensino e aprendizagem, tampouco o facilitador, posto que ele mesmo é um dos polos da relação a ser mediada: professor-aluno, ensino-aprendizagem, mediato-imediato. O educador, portanto, é sujeito do processo de ensino e de aprendizagem, sujeito que organiza a atividade de ensino, esta sim, assumindo o papel de mediação entre os dois polos da relação, ou seja, buscando estabelecer a relação entre o imediato (os conhecimentos empíricos que os educandos trazem de suas vidas) e o mediato (os conhecimentos teóricos que o professor quer ensinar para os estudantes). (ASBAHR E NASCIMENTO, 2013).

De acordo com o MEM, o professor é um organizador do espaço pedagógico. Ele planeja, analisa e interfere democraticamente nas ações e distribuição das atividades em sala. Segundo Vigotski (2003, p.220), educar significa organizar a vida. Então, a escola cumpre esse papel quando organiza o meio social educativo intencionalmente, potencializando o conceito científico.

A organização e o planejamento do espaço físico de uma sala é construtora de aprendizado, pois é no espaço planejado e organizado por nós, adultos, que as crianças realizam suas atividades, entendendo por atividade o agir das crianças que responde às suas necessidades em conhecer e aprender e que, por isso, provoca sempre o envolvimento de corpo, mente e emoção. (SINGULANI, 2017, p. 130).

O espaço é planejado e organizado de modo que afete significativamente na vida das crianças, em suas vivências e na construção da cidadania. Portanto, o papel do professor é de organizador do meio pedagógico e não de mediador ou, muito menos, de depósito de informações”. Nesse sentido, a escola intencionalmente promove o desenvolvimento da criança através dos espaços escolares.

Práticas pedagógicas na concepção do MEM: uma proposta para ressignificar o espaço educativo

Vigotski (2003) aponta que o meio desempenha o desenvolvimento da personalidade e as características específicas do homem, ou seja, ele é fonte de desenvolvimento. Há diversas vivências e diferentes circunstâncias em que a criança está inserida, pois existem várias infâncias e diversas peculiaridades no meio, então, o professor deve ser sensível a essas diferenças e problematizar as várias vivências de cada criança em sua singularidade.

Todas as crianças estão em contato com o todo, mas cada uma percebe, afeta e é afetada pelo ambiente de maneira particular. O cumprimento da prática pedagógica não se encerra na proposição do conteúdo o centro da análise e da reflexão sobre a prática pedagógica deve ser voltada para a forma como as crianças vivenciam o meio. (BARROS e PEQUENO, 2017, p. 82).

A criança compreende o mundo através da interação cultural presente no espaço geográfico. Ela deve aprender a ler o espaço em que está inserida e tal leitura, segundo Castelar (2000, p. 30), “[...]significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido”. Quando o professor planeja cada ambiente da sala ele favorece para a potencialização das necessidades das crianças, pois elas aprendem, realizam suas atividades, em grupo, em pares ou individualmente e criam conhecimentos, descobrindo o mundo através do espaço geográfico da sala.

Todo ambiente favorece as interações; há as áreas da leitura, matemática, arte e teatro; há o registro de documentação em sala, semelhante a uma biblioteca, pois além de conter livros, tem revistas, jornais, receitas culinárias, entre outros registros da cultura escrita para que as crianças compartilhem e foleiem, mesmo que ainda não saibam ler. Em todas essas áreas, há a valorização do lúdico e das múltiplas linguagens.

Conforme aponta Niza (2007, p.43), o cenário de trabalho numa sala de aula deverá proporcionar um envolvimento cultural estruturado para facilitar o ambiente de aprendizagem curricular deste ciclo de educação escolar. O ambiente, em geral, deve ser agradável e estimulante; os quadros e painéis deverão estar na altura da criança.

À volta da sala, junto às paredes, vão sucedendo as áreas de apoio. As áreas de apoio geral à organização do trabalho correspondem, normalmente, a um armário para materiais coletivos, a uma bancada de arquivos para trabalho autônomo e a um *placard* onde se fixam os mapas de registro da evolução de trabalho e o diário da turma. (NIZA, 1998, p.7).

As atividades são organizadas semanalmente através da reunião do Conselho. Existe uma organização do tempo e espaço escolar definido, democraticamente, pelos alunos e professores. A comunicação é essencial no processo de ensino e aprendizagem na perspectiva do Movimento. Conforme Niza (2007), as crianças são colocadas em grupos divididas por diferentes faixas etárias para que haja o envolvimento sócio-cultural.

O diário de turma é fixado em uma parede pelo professor e constitui um registro coletivo. Nele há quatro ações, **gostei, não gostei, fizemos e queremos fazer**. Nesses espaços cada criança registra desenhando ou se arriscando nas primeiras tentativas de escrita –senão com a ajuda do adulto (SOUZA e MELLO, 2017, p. 212).

Esses registros são feitos diariamente e em qualquer hora do dia, pois quando a criança sente a necessidade de se expressar, registrar ou documentar algo do seu interesse, ela terá oportunidade para isso.

Esse diário é discutido e problematizado por toda turma no dia do Conselho que é todas as sextas-feiras. As crianças se reúnem em uma grande mesa, há o presidente da reunião escolhido democraticamente e o secretário que irão realizar a ata. Quando a criança já sabe escrever, ela mesma registra as pautas em ata, porém, se ela ainda não se apropriou da sistematização da escrita, a professora da turma se constitui escriba.

Nas reuniões do Conselho, os problemas, questionamentos e sugestões são discutidos e resolvidos através das falas das próprias crianças. Essas atividades os levam a conviver a todo momento com a cultura escrita sem que haja o fardo da memorização do ensino tradicional. Elas aprendem explorando cada área, entram em contato direto com o mundo da cultura escrita através das paredes da sala. As crianças vivem cada espaço organizado e planejado intencionalmente pelo professor com sentimento

de pertencimento, pois elas se identificam com aquele lugar; as pinturas, desenhos, e textos são de autoria das próprias crianças. Elas decoram as paredes com os seus registros, através de suas vivências; conhecimentos, angústias, prazeres e desejos que naquele lugar se interagem.

Considerações

O uso do espaço define a sua excelência (Santos, 2008, p.36). Portanto, diante da pesquisa de mestrado em andamento, farei as observações em sala e entrevistarei uma pedagoga que é formadora do PNAIC (Plano Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) a fim de verificar como o espaço físico da sala constrói aprendizagens significativas. Conforme diálogos feitos com a professora, haverá a mudança de organização na sala de 1º ano do E.F na concepção do MEM. Portanto, diante desta pesquisa serão aplicados o Diário de Turma e o Conselho.

A pedagoga é ciente de que o espaço de sua sala pode promover aprendizagens, pois ela entende que a criança se desenvolve cognitivamente e afetivamente através de sua intervenção no “meio social educativo”

Segundo a professora, o MEM pode contribuir para a mudança de realidade no contexto escolar, a partir da organização do espaço geográfico das salas, acrescentando a partilha de saberes em um processo cooperativo e solidário, o que estimula o desenvolvimento cognitivo e afetivo, proporcionando uma aprendizagem dinâmica e inovadora.

O espaço físico da sala é visto como um instrumento para a professora, pois o aluno é capaz de se apropriar do universo da cultura escrita. As paredes registram e documentam a escrita de cada criança, proporcionando sentimento de pertencimento àquele lugar. Através dos espaços ela realiza a leitura de mundo, ultrapassando o sentido do real, fazendo descobertas, imaginando e interagindo. Nesse sentido, o “menino que carregava água na peneira¹” poderá transformar a realidade do contexto social.

Referências:

ASBAHR, F. S. F; NASCIMENTO, S. P: **Criança não é manga, não amadurece: conceito de maturação na Teoria Histórico-Cultural**. São Paulo. 2013.

BARROS, D; PEQUENO, S. **Cultura, Educação e Desenvolvimento Humano**. Editora CRV. Curitiba, 2017.

CASTELLAR, S.M.V. **A alfabetização em geografia. Espaços da escola**, Ijuí, v. 10,n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

FOLQUE, M. A. A influência de Vygotsky no Modelo Curricular do Movimento da Escola Moderna para a Educação Pré-escolar. *Escolar Moderna*, v.5, n. 5, p. 5-12, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

OLIVEIRA, J (org.); DALILA, L; NIZA, S. **Modelos Curriculares para Educação da Infância: construindo uma práxis de participação**. Ed.3. Porto Editora, Portugal, 2007.

MELLO, Amaral Suely. **A escola de Vygotsky**. Ed. Avercamp. São Paulo. 2004.

_____. Algumas implicações Pedagógicas da Escola de Vygotsky para a Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas, V. 10, n. 1, p. 16-27, 1999.

NIZA, Sérgio. **A organização social do trabalho de aprendizagem no primeiro Ciclo do Ensino Básico**. Lisboa, 1998.

PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa: Traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SINGULANI, R. A. D. **A Organização do Espaço da Escola de Educação Infantil**. Editora CRV.

Curitiba, 2017.

SÔNIA, R. T; BARCA, A. P. A. **Teoria Histórico-Cultural e Educação Infantil**. Editora CRV. Curitiba, 2017.

SOUZA, R. A. M; MELLO, S. A. **O lugar da Cultura Escrita na Educação da Infância** Editora CRV. Curitiba, 2017.

VYGOTSKY, L.S. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Ed. Ícone, São Paulo, 1988.

_____ **Pensamento e Linguagem** – tradução Paulo Bezerra. Martins Fontes, São Paulo, 2003.

1 Esse termo se refere a obra infantil “O menino que carregava água na peneira” que é uma narrativa poética de Manoel de Barros e traz a analogia do imaginário infantil que faz com que a criança cria, recria e transforma os espaços.